Conto

Texto submetido em: 9 abr. 2021. Aprovado em: 31 maio 2021.

LIMA, Claudia de Medeiros. O menino que viu uma estrela. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 497-508, jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.250129

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O menino que viu uma estrela

Claudia de Medeiros Lima

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Doutoranda em Educação

E-mail: clamed.lima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9914-0585>

— Mãe, quem é Paulo Freire? — pergunta Mariana segurando a caneca que a mãe recebera de presente de uma aluna. Ela lê, em voz alta, a frase gravada abaixo do rosto simpático daquele senhor barbudo: “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”.

— Eu não entendi o que ele quer dizer... — sussurra.

— Ora, ora! Tão pequena e já interessada pelo professor Paulo Freire, minha filha? — responde a mãe, rindo.

— Ele foi seu professor?!

— Não, filha. Não exatamente. Quando eu entrei na faculdade, ele já havia falecido. Mas li alguns livros que ele escreveu e aprendi muito sobre educação a partir de suas obras. Além de professor, ele foi um dos maiores cientistas da educação brasileira, tendo criado, inclusive, um método próprio para ensinar a ler e escrever.

Mariana apoia o rosto sobre as palmas das mãos e ouve atenta a história da mãe. — Conta mais, mãe. O que ele quer dizer com essa frase aqui? — aponta, então, para o registro no objeto de porcelana.

— Ai, Mariana, você só tem seis anos, como vou fazer pra você entender a teoria de um filósofo?! — suspira, olhando para cima.

— Ué?! Mas você não é uma professora? E professor não estuda pra ensinar às pessoas? Vai, mãe, eu prometo que vou prestar atenção direitinho, não vou nem fazer barulho. Conta, conta!

A mãe pede para Mariana esperar um pouco. Ela precisa pensar em como vai explicar o que Freire quer dizer com aquela escrita.

— Já sei, vou lhe contar uma história que vai ajudar na compreensão!

Ela era muito boa com contação de histórias. Normalmente, seus alunos adoravam e assistiam concentrados às suas performances. Naquele momento, ela imaginou personagens, cenários, falas, tudo muito próximo da realidade da menina. Afinal, como boa freireana, sabe da importância da contextualização e da importância do sujeito se ver envolvido com o tema da aprendizagem. Sabe, também, que não pode faltar uma boa dose de magia, do tipo que faz as crianças esperançarem em um mundo pueril.

— Bem, vamos começar. Sapoti, arará, fique aí que eu conto cá, de pernas cruzadas e bumbum no chão, chegou a hora da falação! Agora não vale ficar avexado, acalma a alma e abre o coração, senta que lá vem a contação!

Assim, a mãe de Mariana começou a contar a seguinte história:

Lá onde a terra era árida, seca que dava dó. Onde o sol fazia morada todos os dias do ano, rachando o chão vermelho, extinguindo quase todo o verde, sugando cada gota d'água. Lá onde o gado ressequido definhava. Onde homens e mulheres tinham a pele desenhada pela aspereza e crueldade da seca, nasceu um menino.

Poderia ser qualquer menino nascido no Sertão nordestino, mas não era um menino qualquer, não mesmo. No dia em que

nasceu, sua mãe teve certeza de que havia algo especial, um brilho nos olhos que não tinha visto em nenhum dos outros seis filhos. A mãe não compreendia, mas, desde que veio ao mundo, ele criara o hábito de fixar os olhos no céu noturno.

A pequena e antiga janela de madeira do quarto ficava ao lado da cama e foi por ela que o menino avistou pela primeira vez a estrela; não uma estrela qualquer, mas a estrela que havia sido enviada especialmente para ele. Estrela grande, de um amarelo ouro e cintilante, que se destacava em meio a outras tantas. Para os desatentos, só mais uma estrela, assim como o menino era somente mais um entre os sete filhos do casal. Para ele, no entanto, era sua estrela favorita, aquela que guiaria seus passos para além das fissuras da caatinga.

Os dias passam e, à medida que vai crescendo, o menino vai admirando ainda mais sua estrela. Os irmãos debochavam dele, até o apelidaram de cabeça oca, por causa das conversas que mantinha com sua estrela particular. O pai do menino começou a se preocupar, percebendo que a criança já estava mais crescida e ainda não tinha largado essa história, sem pé nem cabeça, de estrela-guia. Chegou até a conversar com a mulher, pedindo que ela tirasse isso da cachola do garoto.

A mãe, sempre mais compreensiva, não via problemas em se ter uma estrela só sua e até se divertia com as histórias do menino. A diversão só não era maior porque a seca daquele ano estava ainda mais severa, até a cacimba só tinha mais um palmo de água barrenta para todo o povoado. Mas o menino, sempre muito animado, falava:

— Mãe, eu sei que minha estrela vai nos ajudar.

A mãe ria, lembrava que sua comadre tinha alertado que o sétimo filho seria mais especial e que ele mudaria o destino de muita gente, mas não via como isso poderia acontecer naquele fim de mundo.

No derradeiro dia do inverno daquele ano, sem que nenhuma gota d'água tivesse caído por aquelas bandas, o pai chegou à noite em casa com uma novidade:

— Vamos embora daqui ou morreremos todos de sede e fome. Recebi uma proposta de trabalho na capital. Arrumem as trouxas porque amanhã pela manhã pegamos o primeiro pau de arara e partimos.

A notícia chegou como uma topada no último dedinho do pé. As crianças não entendiam. Teriam que abandonar a escola, os colegas, os bichos que criavam... tudo muito triste.

Foi nessa noite que o menino resolveu ter uma conversa séria com sua estrela-guia. Pulou a janela, sentou-se na pedra mais alta do quintal e exigiu que a estrela lhe dissesse o que fazer. Insistiu, chorou, gritou, resmungou e, já exausto com a espera, adormeceu na própria pedra em meio ao sereno. Já com o mingau das almas escorrendo pelo canto da boca, o menino despertou com um clarão intenso em seu rosto. Sem entender se sonhava ou se estava acordado, ele se apavorou e despencou lá de cima.

Após bater a cabeça no chão áspero e ainda meio tonto, sentiu dificuldades para abrir os olhos, pois estavam cheios de terra. Sentado, esfregou o rosto com as mãos, piscou várias vezes na tentativa de melhorar o foco da visão e, sentindo-se meio cego pelo brilho intenso, questionou:

— Quem é você?

Ao mesmo tempo em que perguntou, foi se arrastando para trás, amedrontado com a aparição.

— Você me chamou! — respondeu em tom festivo uma melodiosa e doce voz.

O menino percebeu que seu corpo tremia igualzinho à vara verde e quase não conseguiu se movimentar.

— Quem é você? — atemorizado, gaguejando, ele perguntou novamente.

— Eu sou o seu presente, o brilho que conduz a sua vida e que vai iluminar muitas pessoas através de você. — disse a voz.

— Isso só pode ser um sonho. — cochichou o menino.

Pensando bem, a queda foi bastante dolorida para ser somente um pesadelo.

— NÃO ACREDITO! Você é a minha estrela-guia?

— SIM! Você me chama há bastante tempo, mas só posso aparecer quando surge o momento certo.

Ainda atônito com a situação, o menino sorriu um sorriso largo, daqueles que a gente consegue ver todos os dentes na boca, e agradeceu.

— De hoje em diante podemos conversar. — disse a estrela. — E não se preocupe, pode ir para a capital com sua família, é lá que você vai descobrir como ajudar milhares de pessoas.

Tomado por um sono vigoroso, o menino mal se sustentava em pé e seus olhos ardiam, como se estivesse de frente para uma fogueira de São João. Piscou os olhos, piscou novamente. Estava difícil, não conseguia deixá-los abertos.

Fazia um calor muito intenso e sua camisa estava ensopada de suor. O menino despertou com o sol batendo no rosto, sem entender nada do que aconteceu. Ele realmente conversou com sua

estrela-guia ou apenas sonhou? Se aconteceu de verdade, por que ele não lembrava de como voltou para a cama? Ele queria conversar com a mãe, contar sobre a estrela ter aparecido para ele, mas o pai apressava a todos para pegarem as coisas e partirem.

A viagem foi longa e desconfortável, mas o menino estava confiante na estrela e isso nutria seu sorriso de esperança. Chegando ao destino, a família se instalou em uma casa ainda menor.

O pai saía cedo todos os dias para trabalhar e só retornava à noite. A mãe trabalhava em casa fazendo marmitas e ainda cuidava dos filhos. O menino e seus irmãos maiores entregavam as quentinhas durante a manhã e pela tarde iam para a escola.

E assim aconteceu por muito tempo. A vida difícil e cansativa fez o menino se esquecer da sua estrela. Acabou convencido de que tudo não passara de uma invenção de sua cabeça de criança mesmo.

Os dias seguiram e o menino crescido, sentado a chorar sozinho, questionou aos céus por onde andava sua estrela. E não é que ela apareceu novamente?

— Há quanto tempo você não me chamava! Pensei que não queria mais minha companhia.

— Então, você existe mesmo? — perguntou arregalando os olhos.

— Claro que existo! Sou a sua estrela, a mesma que lhe apareceu lá no sertão, quando você era ainda mais menino.

Ele reconheceu aquela voz docinha feito rapadura.

A partir daquele momento, o menino passou a conversar com sua estrela todos os dias. Mas quando ele tentava contar para a família ou para os colegas sobre os diálogos com ela, todos riam,

achando que era mais uma história da sua mente criativa. Quer dizer, todos não! A mãe continuava acreditando que seu filho tinha uma missão especial a cumprir. Ouvia atenta, sorria e pedia que ele seguisse o próprio coração.

Certa noite, dessas que o menino não sabia dizer se estava acordado ou dormindo de verdade, ele teve um sonho ou uma visão, sei lá. Ele contou que um pirilampo apareceu em sua janela e o convidou para acompanhá-lo.

Após uma longa caminhada por um monte alto, o menino se sentou para descansar e o bichinho, insistentemente, apontava para as nuvens e dava inúmeras voltas no seu pescoço. O menino ficou parado olhando para o alto, mas não conseguia compreender.

— O que você está querendo me dizer? Não entendo!

O pirilampo sorriu e, como num passe de mágica, desapareceu.

Sobre a face do menino, uma gota caiu, depois outra, outra e outra... As nuvens se derretiam em água. Naquele momento, ele sacudiu os cabelos e começou a brincar nas poças d'água que se formavam pelo chão.

Ao acordar, ainda com o cabelo úmido, ele percebeu que tinha algo pendurado no pescoço, então levantou o objeto e viu uma espécie de saquinho azul-celeste com uma estrela dourada. O menino retirou aquele artigo do pescoço para observar melhor, tocou e sentiu uma textura macia sem igual. Tinha um cheiro agradável, um aroma tão bom que ele sabia que nunca tinha sentido perfume igual. O que seria aquilo?

Da última vez que acordou com uma surpresa desse tipo foi no dia do seu aniversário, quando encontrou sobre a cama uma caixa de sapatos com um laço vermelho. Ao abrir, deu de cara com um sapo cururu dentro. Ele tinha horror a sapos e seus irmãos sabiam

disso. Será que aprontaram outra vez? O que poderia ter dentro daquele saquinho?

Ele se levantou e procurou por alguém no quarto, embaixo da cama, atrás da porta. Não havia nada nem ninguém além dele. A casa estava vazia. Sem entender como aquela embalagem tão bonita apareceu, o menino parou novamente para observar. O saco era de um material tão diferente, tão brilhante! Sacudiu. Para sua surpresa, o saquinho emitiu sons de água, mas não era o mesmo som da água que caía da torneira, parecia uma música tocada pelas águas! Onde os irmãos teriam conseguido dinheiro para comprar?

— Quer saber de uma coisa? Eu vou abrir!

Ele abriu bem devagar, temendo sair um inseto ou coisa parecida de lá de dentro. Foi abrindo lentamente até que saísse um facho de luz esquisito. Abriu mais um pouco, outro facho, até que a casa ficou toda iluminada com um brilho incomum. Assustado, fechou rapidamente o saquinho e ficou a pensar. Será?

Aquela luz toda... De repente um lampejo na cabeça, ele se sentiu meio tonto e caiu.

Ele não sabia por quanto tempo ficou desacordado, contudo, levantou-se com uma ideia na cabeça. Precisava criar uma máquina para transformar nuvens em água. Guardou o saquinho imediatamente e correu para projetar sua ideia.

O menino passou dias, meses, anos estudando uma forma de transformar aquele sonho em realidade. Lembrou das aulas na escola. Sabia que a nuvem era água em estado gasoso. Estudava, rabiscava, calculava, construía. Até se perdeu nas contas de quantas noites passou em claro sem dormir, sempre com sua estrela em companhia.

Os irmãos riam e o apelidavam de cientista maluco. Faziam piada com a geringonça montada no quintal da casa. Ele nem se importava mais com as brincadeiras, estava muito concentrado para perder tempo explicando tudo. Só não entendia por que a máquina ainda não funcionava. Foram vários testes, parecia que ainda faltava alguma coisa.

Só faltava uma coisa...

— Eureka! — gritou o menino. — O pozinho do saco azul-celeste só pode ser isso!

Lembrou-se do pirilampo. Do brilho que saiu de dentro da embalagem, o mesmo brilho da sua estrela. Foi ligando os pontos e chegou à conclusão de que aquele não foi um presente qualquer. Ele gargalhou sozinho, teve uma crise de riso, enquanto sua família o observava de longe, sem entender absolutamente nada.

Seria preciso esperar a noite, quando todos estivessem dormindo. Ele estava ansioso.

As horas se arrastaram durante todo o dia, o menino não tirou os olhos do relógio. A mãe, preocupada, perguntou:

— Filho, você está com algum problema? Tem algum encontro marcado?

Os irmãos riram e um deles comentou:

— Mãe, a senhora ainda não se acostumou com as esquisitices desse aí?!

E riram todos, inclusive o menino.

Finalmente chegou a noite. O menino certificou-se de que todos estavam dormindo e, pé ante pé, saiu em direção ao quintal. Nas mãos, o saquinho azul. Estranhamente, sua estrela não apareceu naquela madrugada, ainda assim ele seguiu firme. Arrastou a geringonça, abriu um compartimento e colocou o pó dentro da máquina.

Um brilho intenso tomou conta do quintal, acompanhado de sons de águas cantantes e de cheirinho de céu. Ele temeu que a família despertasse. Era tarde! Quando o menino olhou para trás, percebeu que todos estavam de pé admirados com o que viam.

A máquina estava funcionando. Ele mostrou para todos como ela sugava as nuvens e as transformava em água cristalina. Os irmãos não conseguiam falar nada. Na verdade, não conseguiam nem fechar a boca de espanto. O pai abraçou o filho e, mesmo sem entender nada, afagou seus cabelos. A mãe, meio cúmplice da história, disse:

— Bem que a comadre falou que você tinha uma missão especial! — e, em lágrimas, beijou o filho.

No outro dia, malas prontas e pé na estrada, rumo ao sertão.

De volta à terra natal, foi organizado um evento grandioso para apresentar a máquina ao povo da cidade. Todas as autoridades estavam presentes, inclusive o padre, o delegado e o prefeito. O povo reunido acompanhava com grande curiosidade aquele objeto enorme coberto por um pano azul.

O menino foi, portanto, convidado a apresentar sua invenção. Puxou o tecido e fez uma pequena demonstração.

Uma minúscula nuvem se mostrou suficiente para gerar bastante água. Imediatamente, abriu-se uma grande torneira, o líquido caía abundantemente, enquanto o povo dançava embaixo da chuva. Uns riam, outros choravam, mas era tudo de felicidade.

— A água é o milagre do sertão! — gritava o menino.

Desde então, não houve mais nenhum lugarzinho sem o líquido da vida. O chão de terra vermelha não estava mais rachado. Os bichos não morriam de sede. A caatinga agora estava toda verdinha, cheia de flores e frutos o ano inteirinho. As pessoas não precisavam

abandonar sua terra. As únicas marcas que traziam na pele eram marcas de alegria, dessas covinhas nas bochechas que a gente tem quando ri de verdade.

Outro dia, sentado com sua mãe na mesma pedra onde a estrela apareceu pela primeira vez, ele olhou para cima e agradeceu. Tentou contar para sua mãe sobre a estrela-guia, mas ela o silenciou com as mãos nos lábios e disse:

— Eu sabia de tudo. Vou dormir agora, estou cansada.

Sozinho novamente, atentou para aquele brilho dourado ainda mais intenso à sua frente. Sua estrela veio se despedir. Ela disse ao menino:

— Cumpri meu dever, agora preciso voltar para o recanto estelar e juntar-me a tantas outras estrelas.

Naquele momento, seus olhos foram ofuscados pela luz e, quando tentou falar alguma coisa, já era um outro dia e ele estava deitado em sua cama, como num sonho.

Mariana sorriu um sorriso infantil e falou:

— Eu não sabia que Paulo Freire era uma estrela que ensinava a gente a brilhar...

Por um momento, a mãe pensou em explicar que a influência de Freire não estava na magia da estrela, mas na conscientização e emancipação do menino. No entanto, desistiu da explicação, pois uma história que precisa ser explicada não é uma boa história.

Ainda imersa em pensamentos, a mãe refletiu sobre a compreensão da filha. Os olhos das crianças sempre enxergam a luz no horizonte da liberdade. Com certeza, Freire agora brilharia em Mariana.